

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
Ângela Maria Mochi

**ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL ATRAVÉS DA
EDUCAÇÃO EMOCIONAL**

CURITIBA
2009

Ângela Maria Mochi

**ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL ATRAVÉS DA
EDUCAÇÃO EMOCIONAL**

Artigo apresentado ao curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, da Universidade Tuiuti do Paraná, como pré-requisito para a obtenção do grau de Especialista, sob a supervisão de Laura Bianca Monti.

CURITIBA

2009

RESUMO

A elaboração desse artigo deve-se a um trabalho psicopedagógico institucional realizado em uma escola de formação de professores turma do 1º ano do Magistério do Instituto de Educação do Paraná Prof. Erasmo Pilotto. A importância de se trabalhar os conhecimentos das Inteligências Pessoais definidas por Howard Gardner, divididas em duas: Intrapessoal e Interpessoal. Foi investigada e reconhecida suposta interferência ligada à aprendizagem cognitiva envolvendo diretamente a aprendizagem emocional. A Inteligência Emocional caracteriza a maneira como as pessoas lidam com suas emoções e no meio em que estão inseridas. Neste trabalho Institucional o psicopedagogo atua nas questões emocionais que abalam o convívio social, atuando diretamente no foco do problema, evitando uma das causas mais comuns que envolvem a dificuldade na aprendizagem. Tem como objetivo principal contribuir para a aprendizagem cognitiva através de uma educação emocional, por intermédio das brincadeiras, dos jogos, dos desenhos e do diálogo como peças fundamentais para a intervenção emocional. A alfabetização emocional é uma forma de educação; revê o autoconhecimento, a identificação dos sentimentos, identificação das emoções e empatia. Respeitando as habilidades de cada indivíduo sendo um ser único.

Palavras chave: Inteligências Pessoais e Emocionais, Intervenção Psicopedagógica Institucional.

INTRODUÇÃO

Busca relatar a necessidade de se trabalhar as questões das inteligências interpessoal e intrapessoal para facilitar o convívio com os outros alunos dentro e fora da instituição, e ter o domínio de seus próprios sentimentos para que não interfira no processo de aprendizagem.

De acordo com a tese do Psicólogo norte-americano Howard Gardner de que o indivíduo é composto intelectualmente por variadas habilidades, descartando o conceito antigo, percebemos que não se pode mensurar a inteligência humana. A tese das Inteligências Múltiplas de Gardner explica que, o indivíduo compõe-se em habilidades ou capacitações em múltiplas áreas cognitivas, podendo desenvolver-se melhor em uma ou mais áreas. Isso não impede que se desenvolva suas outras capacidades, ao contrário, torna-se necessário o desenvolvimento de suas outras habilidades para que o indivíduo se sinta mais completo.

Nesta perspectiva, o psicopedagogo contribui para o desenvolvimento destas habilidades, através de atividades como: jogos, brincadeiras, diálogos, criando oportunidades construtivas e facilitando a compreensão de si mesmo.

Destaca-se a experiência vivida de uma aluna, e sua dificuldade de relacionamento e a dificuldade de falar de si mesma, em uma atividade feita na instituição de ensino, com uma aluna do primeiro ano do magistério.

A importância do ambiente escolar, englobando sua decoração que ajuda e favorece os alunos sendo fundamental para estabelecer e desencadear sentimentos positivos para o desenvolvimento dos mesmos.

A AÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana e evoluiu devido a existência de recursos, constituindo-se, assim em uma prática.

Nesse momento, a Psicopedagogia preocupa-se em compreender os processos de aprendizagem: como a pessoa aprende, como a aprendizagem evolui, se está condicionada a fatores biológicos e/ou psicológicos.

“A prática psicopedagógica vem colocando questões ainda pouco discutidas, isso por que, o sujeito com dificuldades de aprendizagem, apresenta, quase sempre, um quadro de comprometimento... envolvendo dificuldades cognitivas, instrumentais e afetivas.” (BOSSA, 2000, p. 28).

Há duas grandes modalidades da Psicopedagogia: preventiva e a terapêutica.

Na modalidade preventiva, a ação psicopedagógica provém esforços para prevenção de futuros problemas de aprendizagem. Seria utópico afirmar que há meios para eliminar todos os problemas, porém na instituição escolar poderiam ser analisados os processos metodológicos adequados aos alunos.

Na modalidade terapêutica, a intervenção Psicopedagógica visa a reestruturação de um conhecimento que foi “mal iniciado”. Em analogia, seria como se faltassem alguns tijolos que formam um muro. Esse muro pode ser da Linguagem, da Socialização, da Matemática, entre outras áreas.

Continuando com o exemplo, o psicopedagogo vai tentar fechar essas lacunas, favorecendo um conhecimento mais solidificado.

A maioria das dificuldades de aprendizagens vai além das questões pedagógicas; essa idéia promove as questões afetivas que possam interferir tanto nas relações ensino-aprendizagem como nas relações sociais.

O aluno que não consegue aprender na escola (seja qual for o assunto) corre o risco de ser classificado como aluno blindado¹, pelos professores e pelos colegas também. Casos assim são muito comuns e causam muitos estragos: desanimam o aluno, altera sua capacidade cognitiva e favorece uma socialização fraca.

Como ajudar alunos que apresentam sintomas de baixa estima, principal foco de sua aparente dificuldade de aprendizagem?

A intervenção deve ser estruturada em:

1. Análise da causa da baixa estima: é a descoberta do que provoca a baixa estima, pouca valorização de si mesmo e de suas capacidades.
 2. Realização de atividades que possam favorecer a aquisição do conhecimento em falta: consiste em estimular o aluno a descobrir de quais maneiras ele consegue aprender.
 3. Realização de atividades de identificação e controle de emoções: através de desenhos, cores, formas, questionários que abordam as sensações, sentimentos de si e do outro.
-

4. Realização de atividades que estimulem auto-estima e o autoconhecimento: através de jogos e brinquedos é possível trabalhar a estima e o conhecimento de seus sentimentos e também do outro.

As atividades e dinâmicas para exercer a habilidade interpessoal e intrapessoal são extensas, exigindo experiência do psicopedagogo durante a aplicação.

UTILIZANDO JOGOS PARA ESTIMULAR AS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS

“O jogo é uma atividade criativa e curativa, pois permite À criança (re) viver ativamente as situações dolorosas que viveram passivamente...” (BOSSA, 2000, p.109).

Durante a prática psicopedagógica institucional podemos criar um ambiente agradável através de jogos e dinâmicas.

Essas atividades servem tanto para crianças do Ensino Fundamental como alunos adolescentes e adultos.

“Muito mais importante que conhecer jogos e, eventualmente, mobilizar um grupo de alunos a se empenharem em sua execução, é saber usá-los para os propósitos de uma sensibilização emocional”.(ANTUNES, 2008, p. 244)

Os jogos para estimular as inteligências intrapessoal e interpessoal são divididos em duas fases: o jogo propriamente dita e a hora dos debates.

O debate é fundamental, pois ele auxilia na compreensão do jogo, seus propósitos. É importante salientar que não podemos julgar as respostas dos alunos como “certas” ou “erradas”. Devemos respeitar as opiniões alheias, salvo em casos de equívocos.

Muitos jogos favorecem a identificação dos sentimentos e a relação com a palavra que o designa. Por exemplo, O JOGO DAS CARINHAS, permite aos alunos identificarem a emoção/sentimento e desenhar a expressão desse sentimento. Dessa forma ele começa a identificar as emoções dos outros, desenvolvendo a empatia.

Outra atividade interessante que trabalha a inteligência interpessoal é NOME MÍMICA.

Através de mensagens escritas em pedaços de papel, dispostos em uma sacola não transparente, os alunos retiram um papel que está escrito uma emoção. Através da mímica ele deverá transmitir aos colegas qual sentimento ele “pegou”.

Aprender a administrar as emoções é o objetivo da atividade exemplo SINAIS DE TRÂNSITO com a utilização de um semáforo, os alunos identificam suas emoções do dia.

Sinal vermelho, emoções de origem negativas como raiva, aborrecido, chateado e inseguro.

Sinal amarelo: conformado, apático, indiferente. O sinal amarelo pode seguir para o sinal verde ou para o vermelho, dependendo de como administrar essa emoção.

Sinal verde: emoções positivas como feliz, entusiasmado, ótimo.

Deve-se ficar claro que para essa atividade os alunos conheçam os vocábulos acima descritos.

Esse momento é de suma importância para crianças com dificuldades de expressões emocionais: para cada caso é utilizado um jogo específico, observando os objetivos do jogo (suas regras) e os objetivos da sessão.

Exemplo: crianças que não conseguem lidar com a perda. Essas crianças costumam ter acessos de raiva ou mesmo manipular os adultos para que encerrem o jogo quando estão perdendo.

Nesses casos é ideal optar por jogos lógicos, isto é, jogos que não dependem da sorte e sim do raciocínio. Aos poucos, a criança vai compreender que a perda ou o ganho é fator alternante, e com isso ela vai fazendo associações com o próprio sentimento identificando-os na hora da perda e na hora que ela ganha alguma partida.

IDENTIFICAÇÃO DOS SENTIMENTOS

Muitas crianças, e também adultos, não sabem identificar suas emoções, seja por falta de vocabulário (atribuir nome ao sentimento), seja pelo desconhecimento do que é aquela sensação, atribuem apenas significados comuns como “triste” e “feliz”, desconhecendo outros sentimentos. Eles sentem, mas não sabem explicar o que.

Para expressar seus sentimentos é preciso criar oportunidades de forma construtiva. Sabemos que as emoções podem atrapalhar ou facilitar a vida de

qualquer indivíduo e nas crianças o problema causado pelas emoções são mais danosas, uma vez que as mesmas têm dificuldades em identificar e lidar com essas emoções.

Os sentimentos como ansiedade, tristeza e raiva não são fáceis de dispersar, ou seja, são emoções mais duradouras. Mas isso não significa que não há controle sobre elas, ao contrário, podemos contornar essas emoções ativando pensamentos positivos.

Exemplo clássico é a fala de muitos alunos depois de uma prova ou uma explicação sobre um assunto. Após realizar a prova e verificar que não foi bem, teve nota baixa, o aluno desenvolve pensamentos negativos como "... não sou muito inteligente mesmo".

Podemos ajudar o aluno que pensa negativamente em relação a algo favorecendo o positivo. Dessa forma, podemos ajudar os alunos com pouco conhecimento de suas emoções a lidar com as discordâncias, pensar antes de agir e, talvez mais importante, contestar as crenças pessimistas.

Esse aprendizado emocional (identificação e controle de suas emoções) ajuda na sua socialização: crianças que têm instabilidade emocional geralmente sentem-se rejeitadas pelos colegas e na verdade são mesmo evitadas pelos mesmos.

Isso acontece, quando a criança não consegue conter sua reação emocional e são elas que terão comportamento antisociais como, trapacear, emburrar-se, desistir de jogar quando está perdendo ou exibir-se e gabar-se das vitórias.

O controle das emoções se dá pela percepção dos sentimentos primários, isto é, diante de um sentimento, ocorre um secundário, esse pode ser explosivo.

Ao compreender esse sentimento primário – o que causou a emoção secundária – a criança passa a lidar melhor com suas emoções e reações.

Exemplo: uma criança que teve um acesso de raiva. Inicialmente, devemos acalmá-la, explicar que essas emoções e reações provocam no organismo reações como estresse, palpitações, maior bombeamento do sangue, entre outros sintomas orgânicos.

Depois, devemos questionar o motivo (causa primária) dessa reação emocional (causa secundária): a mágoa, a chateação, a frustração, enfim, um outro sentimento negativo.

Perceber o sentimento negativo primário, suas complicações orgânicas e sociais, é o primeiro passo para controlar as reações emocionais secundárias.

Esse é o primeiro passo para a alfabetização emocional.

ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL

Na escola ocorrem muitos casos de alunos com problemas de conduta, (mau comportamento) oriunda de um desnivelamento emocional.

São, geralmente, crianças que têm problemas familiares e que causam dificuldades cognitivas e sociais.

Trabalhar com os sentimentos das crianças durante o período escolar é também uma forma de educação; a alfabetização emocional revê o autoconhecimento, a identificação dos sentimentos, identificação das emoções e empatia.

Como meio preventivo, existem algumas técnicas que ajudam a criança a conhecer, identificar e lidar com esses sentimentos.

Outro modo de entremear as lições emocionais no tecido da vida escolar existente é ajudar os professores a repensar como disciplinar os alunos que se comportam mal. Em momentos de conflitos, em que as crianças costumam agir pelo impulso, a melhor maneira – e mais saudável emocionalmente – é mostrar que existem saídas mais positivas do que o autoritarismo do adulto.

Exemplo: dois alunos que brigam pelo mesmo objeto. Vemos nas escolas a interferência do adulto como autoritária. Brigar com esses alunos só reforça o ambiente negativo; a solução para resolver esse conflito como acordo de que, cada um terá a chance de pegar o objeto por um tempo estipulado. Quem será o primeiro? Usamos a escolha por PAR OU ÍMPAR, DOIS OU UM, ou mesmo a escolha de um numeral. O maior numeral é o primeiro. Resolver conflitos através do contexto sorte.

No âmbito educacional é preciso trabalhar efetivamente com três aptidões:

I. Emocional

Identificar os sentimentos;

Expressar os sentimentos;

Avaliar sua intensidade;

Controlar os impulsos;

II. Cognitiva

- Diferenciar sentimento e ação;
- Ler e interpretar indícios sociais;
- Compreender a perspectiva do outro;
- Usar etapas para resolver problemas;
- Criar expectativas realistas sobre si;
- Compreender normas de comportamento;

III. Comportamental

Utilizar meios não-verbais para comunica-se como expressões corporais;

Utilizar meios verbais para comunicar-se como fazer pedidos, responder adequadamente as críticas, ouvir os outros. Este é o primeiro passo para educação emocional

EDUCAÇÃO EMOCIONAL

GOLEMAN, (2001, p.317), coloca alguns componentes que auxiliam a pessoa, seja criança, adolescente ou adulto, a conhecer, identificar e controlar suas emoções de maneira mais sociável.

São elas:

- Autoconsciência: observar a si mesmo e saber exatamente o que está sentindo. Formar um vocabulário para nomear os sentimentos. Saber a relação e diferenças entre pensamentos, sentimentos e reações.
- Tomar decisões: avaliar suas ações e as conseqüências delas. Identificar se uma ação está sendo ditada pela razão ou pela emoção.
- Lidar com sentimentos: conversar consigo mesmo ajuda a captar as mensagens negativas. Refletir se uma emoção é derivada de outra e assim conseguir lidar com a emoção secundária.
- Lidar com a tensão: perceber quando está tenso e conseguir manter-se relaxado ou menos tenso. Existem técnicas psicológicas que ajudam a pessoa a combater essa tensão.
- Empatia: compreender os sentimentos e as perspectivas alheias. Reconhecer e respeitar as diferentes maneiras como as pessoas se sentem ou pensam em relação ao mundo. Isso evita muitos conflitos sociais.

- Comunicação com o outro: falar de seus sentimentos abertamente, saber ouvir e evitar julgar ou culpar as ações. Distinguir quando o ato foi da circunstância, evitando assim agregá-lo a personalidade da pessoa que cometeu o erro.
- Auto-revelação: valorizar a franqueza e construir elos de confiança nos relacionamentos sociais. Perceber quando falar sobre seus sentimentos convenientemente.
- Intuição: identificar padrões em sua vida e reações emocionais. Reconhecer padrões semelhantes nos outros.
- Auto-aceitação: aceitar-se como é e ver-se sob luz positiva. Reconhecer suas fraquezas e forças. Rir de si mesmo.
- Responsabilidade pessoal: reconhecer suas responsabilidades e as conseqüências de suas ações e reações. Aceitar seus sentimentos e comprometer-se em seus objetivos.
- Assertividade: declarar suas preocupações e sentimentos sem raiva e nem passividade.
- Dinâmica de grupo: ter sentimento de cooperação. Saber ser líder quando for preciso e saber aceitar a liderança de outro.
- Solução de conflitos: aprender a resolver situações conflituosas sem a necessidade de agressões físicas e verbais.

O AMBIENTE ESCOLAR

“O ambiente físico nunca é neutro. Emite o tempo todo mensagens à criança” FERREIRA, (2001, p. 45). Essas mensagens podem ser positivas, despertando interesse como podem ser negativas, causando desconforto e desinteresse. Existe um ditado popular que diz “a casa é o reflexo do dono”. Isso se aplica também na escola: a sala de aula é o espelho de seu professor, com seu jeito de decorar e receber seus alunos.

A decoração da sala é fundamental para estabelecer e desencadear sentimentos: a percepção dela pode causar nos alunos ou em quem olha sentimentos de esperança, medo, alívio, preocupação, rejeição.

A criança transmite mensagens através de seu corpo: pela fala, pela ação, pelos olhos. “Observar, sem interferir... a maneira como está vestida, seus gestos, movimentos, sua respiração, a delimitação de seu território corporal. A partir dessas

observações podemos supor hipóteses sobre seus sentimentos. Pela fisionomia da criança podemos perceber se ela está disposta ou não em realizar as tarefas que foram pedidas. Após esse levantamento hipotético, torna-se necessário a comprovação: a conversa com a criança, e aplicação de jogos.

A aplicação do cartaz para observar a mensagem proposta por FERREIRA, 2001, p. 47, é de fundamental importância: através da fala individual podemos perceber muitos sentimentos escondidos. Crianças mudam o tom de voz quando dizem algo que julgam ser importantes. Nessa hora é importante manter conversa para buscar maiores informações. Há dois tipos de mensagem: implícita e explícita. A explícita é a fala clara, a verdade claramente dita. Implícita é a fala mais difícil de ser entendida, pois há a verdade subentendida. Muitas crianças falam implicitamente e inconsciente; o psicopedagogo busca respostas nessa fala, busca a verdade escondida.

Para cada resposta, muitas indagações e busca por informações ajudam muito nas percepções de sentimentos.

O perfil escolar de uma criança é o resultado de uma interação social que inclui, além da escola como espaço físico, como os meios de avaliação, as concepções de educação dos professores, entre outros aspectos emocionais.

Com base nessas informações podemos questionar se houve uma vivência escolar feliz daqueles alunos.

Para compor essa base, a coleta de dados realizada pelo professor regente é fundamental e pode indicar quais hipóteses e quais meios para intervenção.

EMOÇÃO

EMOÇÃO "... origina-se do latim *emovere* e significa deslocamento, perturbação e agitação." PARISI,(1985, p. 59). Entendemos assim que as emoções são reações intensas e breves do nosso organismo diante de situações diversas. Em uma situação que causa tristeza e preocupação, a emoção sentida é penosa, deixando a pessoa em um estado afetivo triste.

Mas se acontecer o contrário, em que uma situação que trouxe alegria e contentamento, a emoção sentida é prazerosa, que deixa a pessoa em um estado afetivo feliz.

Os sentimentos acompanham ou desencadeiam estados afetivos, sejam agradáveis ou desagradáveis, ou seja, as reações das emoções (ou reações emocionais).

GOLEMAN, (2001, p.303), destaca outras emoções como:

- Ira: revolta, raiva proveniente da cólera. Em casos extremos gera ódio e violência patológicos;
- Tristeza: sofrimento, desânimo, desamparo e melancolia. Em situação extrema causa a depressão.
- Surpresa: espanto, pasmo, situação em que há a maravilha durante a descoberta.
- Nojo: situação oposta a surpresa, em que há aversão, antipatia e repulsa. Espanto que causa repugnância.
- Vergonha: culpa, remorso de alguma situação ou ato que causou vexame e arrependimento.

Vimos muitas pessoas que não conseguem controlar suas emoções diante de situações inesperadas. Essas pessoas não conhecem suas emoções e com isso não conseguem controlar seus impulsos emocionais. “São pessoas que não amadureceram emocionalmente o bastante para controlarem os seus atos” (PARISI, 1985, p.65).

Ao contrário, a pessoas que tem maturidade emocional é “... aquela que tem firmeza em seus atos... mantém o controle emocional quando a situação que se apresenta é boa ou má”.(PARISI, 1985, p.65).

O ser humano não é um objeto: ele tem sentimentos agradáveis e penosos também. Muitas pessoas conseguem transmitir esses sentimentos de maneira translúcida; outras pessoas não conseguem demonstrar suas emoções mais abertamente. O psicopedagogo pode desenvolver atividades que possam elevar os sentimentos positivo como a auto-estima.

A AUTO-ESTIMA

De acordo com ZAGURY (2002, p. 217-218)

“Auto-estima (auto-imagem ou amor próprio) é a forma pela qual o indivíduo percebe seu próprio eu. É o sentimento de aceitação ou de rejeição da sua maneira de ser. Se a pessoa se vê de forma positiva... podemos dizer que tem auto-estima elevada ou positiva. Se, ao contrário, ela não se aceita ou

se desvaloriza... dizemos que tem baixa auto-estima ou auto-estima negativa.”

A auto-estima começa a se formar desde cedo, com a interação da criança em seu meio, as experiências adquiridas, especialmente em contato com seus pais.

Um fator importante para ajudar a construir a auto-estima boa nas crianças é tratá-las com respeito; isso engloba a atenção aos seus sentimentos, se não é ouvida com atenção ou se ordens são dadas aos gritos. Essas ações geram na criança um, sentimentos de menosprezo, que sua presença pode ser facilmente descartada.

Outro elemento importante para a construção da auto-estima boa: descobrir e ressaltar as qualidades da criança. Ressaltar essas qualidades de forma saudável, com elogios oportunos. Vale lembrar que, os pais que ficam lembrando constantemente aquilo que a sociedade classificou como defeito uma ou mais características de personalidade, a criança tende a se ver como incompleto e incapaz, causando, possivelmente uma baixa auto-estima. As características citadas pela autora – timidez, inabilidade para os esportes, falta de beleza física são exemplos excelentes de falsos defeitos: a criança é tímida por natureza dela e essa afirmação constante gera a sensação de incapacidade de relacionar-se com outros. A falta de habilidade em esportes gera a incapacidade de tentar exercitar-se e a falta de beleza física injeta na criança a sensação de desconforto diante de outros, e possivelmente ativando o sentimento de compensação.

Os pais ou professores devem ressaltar com freqüência as virtudes e as qualidades da criança e a possibilidade de desenvolver a auto-estima boa é muito maior. Devemos lembrar que ressaltar não é comparar; assim como ressaltar apenas aquilo que não é característico da criança.

Exemplo: João não gosta de pintar; seu irmão mais velho Pedro revela-se um desenhista. Pais que ficam fazendo comentários comparativos entre os irmãos só podem prejudicá-los: um pela baixa-estima (o irmão pinta melhor e é mais amado) e outro pela supervalorização (sente-se o “maioral”, o grande artista).

Como criticar sem prejudicar a auto-estima? ZAGURY, (2002, p.222) diz que:

“... se chamarmos a atenção dos nossos filhos para o que fizeram de errado, fixamos o ato em si (“tenho certeza de que você pode fazer essa pesquisa melhor que isso, conheço sua capacidade”), estaremos possibilitando seu crescimento e a superação do problema, sem abalar a auto-estima”

Dessa forma, as censuras e as críticas estarão dirigidas ao ato feito e não à personalidade da pessoa; confiar em suas capacidades, não exagerar nas expectativas e não encarar um fracasso como uma derrota. O fracasso existe e todos passam por ele. Devemos ensinar as crianças a utilizar de suas inteligências interpessoais e intrapessoal para superar esses obstáculos.

INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL E INTRAPESSOAL

A inteligência Interpessoal permite-nos compreender as outras pessoas e nos comunicarmos com ela, observando as diferenças no humor, no temperamento, nas motivações e nas habilidades

A partir dessa definição podemos afirmar que, essa habilidade que o indivíduo possui (inteligência Interpessoal) torna capaz de relacionar com seus semelhantes, iniciar e manter relacionamentos.

Pessoas com a habilidade de compreender, tanto pelas expressões físicas quanto pela escuta da fala do outro, demonstram uma vontade de ajudar e assim melhorar a vida de quem precisar.

Indivíduos que são engraçados, que fazem questão de fazer alguém rir (mesmo nas situações difíceis), que se destacam em um grupo, que demonstram sensibilidade em relação ao sentimento alheio, pode ter uma inteligência ou habilidade interpessoal muito positiva.

A inteligência intrapessoal é capacidade de identificar os próprios sentimentos e compreender a razão daquela emoção naquele determinado momento. Esse dueto identificação-compreensão dos sentimentos promove o autoconhecimento, tornando os seres mais éticos, criativos e cooperativos.

“A inteligência Interpessoal inclui nossos pensamentos e sentimentos. Quanto mais pudermos trazê-los à consciência, melhor poderemos relacionar nosso mundo interior com o mundo exterior...” (CAMPBELL, 2000, p.178).

Os alunos podem aprender a processar seus sentimentos, determinar e atingir seus objetivos, obter autoconhecimento e desenvolver a auto-estima através de atividades intrapessoais.

Os ambientes escolares podem promover a auto-estima dos alunos se forem organizados os procedimentos de:

- Equidade: todos são iguais na aprendizagem e na vida. As oportunidades chegam para todos.
- Comunidade: todos os membros da escola formam um grupo (comunidade) cujo objetivo é único – educação participativa e sólida.
- Participação: todos estão envolvidos na direção da escola, no planejamento e avaliação.
- Cooperação: os alunos são agrupados para aprenderem a valorizar a heterogeneidade, a interdependência e a diversidade cultural.
- Aprendizagem ativa: currículo centralizado na vivência dos alunos, nos problemas da comunidade em que vivem e assim ressaltar a importância do que está sendo aprendido.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO INSTITUCIONAL REALIZADO NA ESCOLA

Foi realizada a dinâmica da CAIXA MÁGICA.

Foi apresentada uma caixa, dentro dela continha um espelho, foi informado a eles que cada um tinha que abrir a caixa, olhar o que via dentro da mesma, sem falar para os colegas, a caixa ia passando sucessivamente aos outras alunas. Após isto, eles deveriam fazer o registro no caderno, para finalizar cada aluna tinha que relatar o conteúdo escrito.

Muitos descreveram as marcas da idade, as experiências adquiridas. Os aspectos físicos eram mais detalhados, esquecendo as emoções vividas, as sensações de ver-se no espelho e descrever-se.

Essa atividade provocou a liberação de emoções até então escondidas, sendo que muitos alunos não sentiram vontade imediata de relatar o que haviam visto. Houve um caso de uma aluna que se emocionou ao descrever sua pessoa: era uma aluna mais velha da turma e com isso sentia-se deslocada entre os demais. Descreveu que era de mais idade que seus colegas, percebera a exclusão deles em relação a sua pessoa, não sentia mágoa por isso, apenas queria aprender uma profissão.

Percebe-se nessa fala um remorso por não ter seguido uma profissão acadêmica [sic], com mais “*status*” (a aluna era empregada doméstica e sentia-se

inferior). Após muitos anos, conseguiu entrar na escola de professores e sente-se realizada com isso.

Em outra ocasião foi apresentada a dinâmica JOGO DAS CARINHAS.

O objetivo do jogo era juntar duas peças iguais como o “jogo de memória” e dizer ao grupo em que situação o deixaria daquele estado emocional. As peças eram espalhadas pelas carteiras viradas para baixo, cada aluna tinha que pegar os pares iguais, quando isso acontecia, elas tinham que identificar as figuras desenhadas; exemplo, se pegasse duas carinhas com faces de feliz, elas tinham que descrever em qual situação da sua vida que elas se sentiam assim, no dia do aniversário, passar de ano...etc. assim sucessivamente até acabar as peças do jogo.

As peças continham faces com raiva, feliz, enamorado, tímido, entre outras emoções.

Esse jogo serviu para ajudar a reconhecer as emoções próprias e alheias, além de compartilhar com os outros as situações vividas.

Muitos alunos aproveitaram a brincadeira para repensar suas emoções, muitas vezes pensando na resposta que iria dar.

Com todas estas observações, verifica-se a necessidade e a importância de se trabalhar as relações interpessoal e intrapessoal para facilitar a compreensão das emoções, para que não haja uma interferência futura como esta relatada.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que as atividades que envolvem sentimentos e emoções são fundamentais nas escolas como prática psicopedagógica.

Desenvolver a capacidade de reconhecer e administrar emoções é uma tarefa difícil, porém não impossível.

Sabemos que as emoções não controladas podem prejudicar a pessoa, inclusive trazer transtornos sociais.

A capacidade de compreender-se, associar sentimentos a situações e palavras (vocábulos), compreender os sentimentos alheios são características próprias de pessoas com habilidade interpessoal e intrapessoal bem desenvolvida.

Isso não significa que indivíduos não podem aprender a desenvolver sua habilidade intrapessoal e interpessoal.

A educação emocional começa desde bebê, porém nada impede que um adulto desenvolva essa habilidade.

A motivação, os estímulos são pontos cruciais para desenvolver a habilidade emocional; a pessoa precisa querer compreender a si e ao outro para que haja um aprendizado ou desenvolvimento das inteligências pessoais de maneira efetiva.

A auto-estima é fator importante para a aprendizagem emocional e deve ser trabalhada tanto na escola, como em casa, naqueles indivíduos que tem auto-estima baixa o psicopedagogo pode desenvolver atividades que possam elevar esse sentimento positivo.

O trabalho psicopedagógico Institucional envolve além das dificuldades de aprendizagens; as dificuldades sociais e emocionais que são, na maioria dos casos, as maiores vilãs do aprendizado acadêmico efetivo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis, RJ: VOZES, 2008. 15ª ed.
- BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. São Paulo, SP: ISIS, 1998. Trad. Maria Lúcia e Carvalho Accacio.
- BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2007. 3ª ed.
- CAMPBELL, Linda et alli. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. Trad. Magda F. Lopes. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2000.
- FERREIRA, Márcia. **Ação psicopedagógica na sala de aula. Uma questão de inclusão**. São Paulo, SP: Paulus, 2002. 3ª ed.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro, RJ: OBJETIVA, 2001.
- PARISI, Mário. **TDP, trabalho dirigido de Psicologia: 2º grau**. São Paulo, SP: SARAIVA, 1985. 13ª ed.
- WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica. Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2004. 10ª ed.
- ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflitos: parceria com os pais**. Rio de Janeiro, RJ: RECORD, 2002.

